

## O CORPO DO BRASILEIRO: ESTUDOS DE ESTÉTICA E BELEZA

Maria Luísa Rodrigues\*

QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. 181 p.

Apesar de constituir um dos campos temáticos já clássicos da reflexão antropológica, os estudos sobre corpo, corporalidade e sua construção cultural e histórica são, em grande parte, voltados para a compreensão das sociedades indígenas, principalmente as do continente sul-americano. O debate acerca da necessidade de outros esquemas conceituais que dessem conta das peculiaridades dessas sociedades mostrou a importância das linguagens do corpo e a ele associadas, no desvendamento das práticas organizacionais e das esferas cosmológicas.

No âmbito da discussão sobre cultura brasileira e corpo, as publicações são escassas. De um lado podemos encontrar importantes referências ao tema na obra de Gilberto Freyre que nos revelam a importância da vida íntima e privada para a compreensão da sociedade brasileira. Mais recentemente outras contribuições tomam vulto com a publicação de trabalhos sobre a história da vida privada no Brasil. Por outro lado, cresceram nos últimos quinze anos as pesquisas relacionadas com a problemática da construção cultural do corpo voltadas para o campo específico dos estudos relativos à antropologia da saúde e da educação física.

O livro organizado por Renato da Silva Queiroz preenche uma lacuna ao trazer essa temática para a esfera da sociedade brasileira, ou seja, trata da construção social e cultural do corpo do brasileiro, de como nossa cultura formata e dá sentido aos corpos, aos padrões de beleza, às

---

\* Professora de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da UFG.  
E-mail: jotarui@zaz.com.br

questões relativas à cor e raça. Informa o organizador que a intenção foi a de “oferecer a um público diversificado um conjunto de reflexões a respeito dos valores estéticos e representações sobre o corpo do brasileiro” (p. 11).

O artigo que abre o livro, de autoria do organizador e de Emma Otta, trata da construção do padrão de beleza no Brasil. Tem o mérito de apresentar uma discussão panorâmica, mas aprofundada, dos condicionantes sociais na apreensão dos indivíduos sobre os seus e os de outros corpos. A partir das percepções que os primeiros cronistas deixaram a respeito da aparência dos “nativos”, insere o problema e apresenta os principais estudos, já clássicos, sobre a construção cultural do corpo humano, das técnicas corporais, com Mauss, aos significados simbólicos corporais, com Leach e Seeger, por exemplo.

O ponto central do trabalho é a discussão sobre as expressões psicobiológicas do corpo, nas quais os autores arriscam, com sucesso, apresentar que, apesar da “grande diversidade quanto aos conceitos de beleza no variado universo das culturas, existem padrões universais para o julgamento da beleza facial e corporal” (p. 38-39). Concluem apresentando a tese de que, nas sociedades ocidentais, beleza corporal é associada à inteligência e ao poder aquisitivo elevado. O artigo tem a característica de, ao tratar de uma ampla bibliografia especializada, fazê-lo de forma a colocar à disposição do leitor não-especialista questões fundamentais para discutir as intervenções da cultura sobre o corpo, as quais condicionam, historicamente, a percepção e o padrão de beleza socialmente aceito.

O segundo artigo pretende uma reflexão antropológica sobre o corpo individualizado e simbolizado e o corpo culturalmente contextualizado, a fim de discutir o caso da sociedade brasileira. Seu autor, João Baptista Borges Pereira, parte das noções de horizontalidade e verticalidade para abordar de que modo se associam às noções socioculturais relativas à animalidade/humanidade, à vida (vertical) e à morte (horizontal). Dentro desta “geografia” corporal o autor discute o interior e o exterior do corpo humano como zonas que se reportam a simbologias distintas e ambíguas. A topografia corporal revelaria preferências sociais: a norte-americana, o alto corporal; a brasileira, o baixo corporal (p. 82). Relaciona as discussões sobre o condicionamento

cultural da corporalidade aos dados vinculados à esfera do mundo rural caipira e paulista.

“No país de cores e nomes”, de Lilia K. Moritz Schwarcz, é um texto denso. Nele a autora trata de como a cor é utilizada para se pensar o Brasil. Das referências ao tema, tomadas desde Antonil (século XVI) até as discussões travadas no século XIX, a autora mostra como a cor serve para entender como se pensou e como se pensa o país. A partir de 1930, dá-se o aprofundamento das discussões acerca de nossa identidade e a da nação, nas quais o “colorido todo especial da população brasileira” ganha destaque e serve de base para importantes trabalhos. De Macunaíma a Gilberto Freyre, Lilia nos mostra que a cor é “uma seleção cultural que se transforma em fator explicativo fundamental” (p. 108). Discute o papel do mito fundador das três raças nas obras e reflexões dos autores tratados e dos brasileiros como um todo, mostrando como, no Brasil, se fez e se faz um “uso social da cor” e da miscigenação em relação ao nosso estilo de racismo. Como demonstra, na “aquarela” racial do brasileiro, o critério estético é o do branqueamento, por um lado, e o da manipulação político-social, por outro; ao trocarmos “raça” por “cor”, amenizamos a discriminação e mostramos uma faceta de nossa identidade.

O trabalho escrito por Teófilo de Queiroz Júnior, seguindo a trilha proposta por Antonio Candido de uma sociologia da literatura, apresenta a maneira como a mulher é tratada/apreendida pelas obras produzidas entre a primeira metade do século XIX e o início da segunda metade do século XX. Com base nas descrições das personagens, pode-se delinear um tipo feminino que é sempre mais jovem que os autores, tende a ter pele clara e apresenta traços físicos valorizados aos olhos masculinos.

O último artigo intitula-se “A beleza do corpo entre os índios brasileiros” e é de autoria de Renata B. Viertler. Curioso é que, dentro da proposta do livro, apareça um artigo sobre a “beleza entre os índios brasileiros”. O problema está em considerar os índios como categoria genérica e como “brasileiros”. Além disso, a autora acaba referindo-se a duas sociedades indígenas para elaborar sua discussão: os Bororo e os Mehinacu. Apesar disso, o artigo traz informações interessantes sobre como essas duas sociedades constroem seu padrão de beleza.

Cabe por fim mencionar alguns problemas que podem ser sanados numa reedição por exemplo. Trata-se da omissão de informações sobre os autores, o que seria interessante para um público não familiarizado com a academia. Além disso, Gilberto Freyre tem seu sobrenome, tantos nas referências bibliográficas em que é citado, como nas notas de rodapé, sempre grafado com *i*.

Trata-se de um livro bastante útil para alunos, professores e quem quer que possa se interessar por uma maior compreensão da sociedade brasileira, assim como por uma visão mais abrangente sobre as questões relativas à construção social do corpo do brasileiro e dos padrões de beleza no país.